

A mulher nas instâncias federativas do desporto

Cristina Matos Almeida *

1. Introdução

Na década de 70, a questão da igualdade de mulheres e homens no desporto começou a receber da comunidade internacional uma atenção crescente, particularmente, no que respeita à prática desportiva e à representação feminina em funções dirigentes.

Em Portugal, o tema da participação desigual dos dois sexos no desporto (tal como em outros campos da sociedade) tem vindo a ganhar maior relevo, tendo sido aprovado, em 1997, o *I Plano Global para a Igualdade de Oportunidades* que preconiza no ponto 8. do Objectivo 1º o fomento da “igualdade entre mulheres e homens nas políticas do desporto”.

Contudo, para a operacionalização deste objectivo é necessário conhecer melhor esta realidade.

Sabemos que o quadro geral da situação da mulher no desporto no nosso país não é muito favorável, nomeadamente, no que diz respeito à representação feminina nos postos de decisão e direcção, onde as mulheres são claramente sub-representadas.

O trabalho que aqui apresentamos procura aprofundar este conhecimento, através de uma caracterização sociográfica dos elementos femininos que integram os órgãos estatutários das federações desportivas portuguesas.

A análise resultou de uma pesquisa desenvolvida com base numa metodologia quantitativa realizada durante o ano de 1999. Foram difundidos (via correio) inquéritos por questionário a todas as federações desportivas, sendo as respostas a estes voluntárias.

2. Metodologia

Para o levantamento dos dados procedeu-se ao envio de um inquérito por questionário de caracterização sociográfica, com portes de retorno pagos, a todos os elementos femininos que ocupam cargos directivos nas Federações desportivas portuguesas, tendo havido uma taxa de retorno de 58% (40 Federações desportivas responderam) o que nos permitiu estabelecer uma amostra constituída por 110 mulheres dirigentes.

Não sendo uma amostra representativa do universo (não foi escolhida de forma aleatória) este procedimento permite-nos, no entanto, uma aproximação a esta realidade.

3. Mulheres Dirigentes nas Federações Desportivas

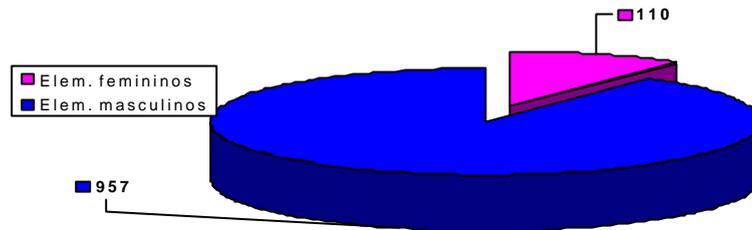
Se existe uma fraca participação desportiva das mulheres ao nível da prática desportiva¹ constata-se que esta se acentua ao nível do dirigismo desportivo.

* Socióloga, CEFD (Centro de Estudos e Formação Desportiva).

¹ O índice de participação desportiva feminina situava-se em 1998 nos 14% (34% para os homens) para a população entre os 15-74 anos, segundo um estudo realizado em 1998 pelo CEFD, integrado no Atlas Desportivo Nacional e que procurou conhecer os hábitos desportivos da população portuguesa.

Na amostra de federações constituída verifica-se que a proporção de mulheres no total de indivíduos que ocupam cargos de dirigentes desportivos se situa nos 10 pontos percentuais (mulheres-110; homens-957).

Dirigismo desportivo (federações) segundo o género - 1999



[GRÁFICO N.º 1]

Fonte: CEFD, Questionário sobre a participação de mulheres nos órgãos estatutários das federações desportivas, Lisboa, 1999.

Por outro lado, se analisarmos a sua distribuição pelos vários órgãos sociais constata-se uma forte representação na Direcção (39% das mulheres que constituem esta amostra estão neste órgão) que contrasta com uma fraca representação no Conselho Fiscal (2%).

Relativamente aos cargos ocupados verifica-se uma maior representação no cargo de Vogal (34%), seguido do cargo de Vice-presidente (17%), do de Secretária e de Directora (13%) e só depois o de Presidente (10%).

Quando cruzadas estas duas variáveis constata-se que os cargos assumidos por mulheres na Mesa da Assembleia Geral são em mais de 50% dos casos o de Secretária, sendo que nos restantes órgãos sociais, o cargo mais assumidos pelas mulheres é o de Vogal. A presidência de órgãos sociais apenas é assumida por mulheres em 10% dos casos.

A taxa de feminização dos dirigentes desportivos ao nível federativo, segundo as modalidades (Gráfico n.º 2), revela que se que podem estabelecer algumas relações com a taxa de feminização da prática desportiva federada².

Se a ginástica era uma modalidade muito bem representada ao nível de praticantes federadas (75% dos praticantes federados nesta modalidade são mulheres), também ao nível do dirigismo desportivo ela se encontra bem representada, embora muito longe do valor anterior (35 mulheres em cada 100 dirigentes).

[QUADRO N.º 1]

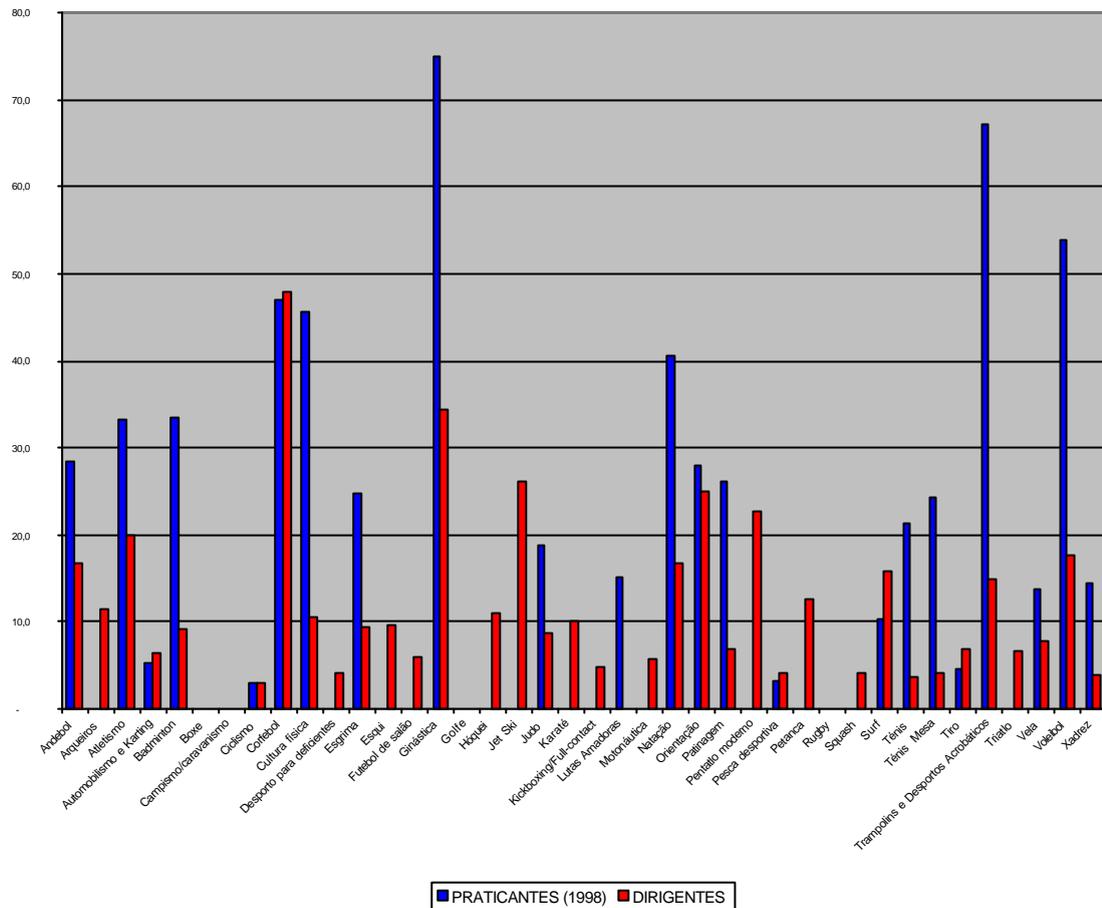
Mulheres dirigentes desportivos por órgão social e cargo ocupado

ÓRGÃO SOCIAL/ CARGO	Presidente		Vice-Pres.		Vogal		Directora		Tesoureira		Secretária		Outros		TOTAL	
	n	%	n	%	n	%	n	%	n	%	n	%	n	%	n	%
Mesa Ass. Geral	1	0,9	3	2,7							7	6,4	2	1,8	13	11,8
Direcção			6	5,5	13	11,8	14	12,7	2	1,818	4	3,6	4	3,6	43	39,1
Conselho Fiscal			1	0,9	1	0,9									2	1,8
Conselho Jurisdicional	3	2,7	5	4,5	8	7,3							1	0,9	17	15,5
Conselho Arbitragem	3	2,7	3	2,7	5	4,5					2	1,8			13	11,8
Conselho Disciplinar	4	3,6	1	0,9	10	9,1					1	0,9	6	5,5	22	20,0
TOTAL	11	10,0	19	17,3	37	33,6	14	12,7	2	1,8	14	12,7	13	11,8	110	100,0

Fonte: CEFD, Questionário sobre a participação de mulheres nos órgãos estatutários das federações desportivas, Lisboa, 1999.

[GRÁFICO N.º 2]

Taxa de feminização dos dirigentes desportivos e dos praticantes federados (federações nacionais)



Fonte: CEFD, Questionário sobre a participação de mulheres nos órgãos estatutários das federações desportivas, Lisboa, 1999 e *Estatísticas do Desporto Federado*, Direcção de Serviços do Associativismo Desportivo do IND, Lisboa, 1999.

Nota: As restantes federações com UPD (entre as quais duas bastante representativas – Futebol e Basquetebol) não se encontram aqui representadas porque não responderam ao questionário.

Se o rugby e o boxe eram modalidades com uma presença nula ou muito diminuta de mulheres federadas, também o são ao nível da presença de mulheres nos seus órgãos dirigentes.

Nesta análise ressalva o corfebol (provavelmente devido às suas características de desporto misto), modalidade que mantém um equilíbrio intrasexual, quer ao nível dos praticantes federados (47 mulheres em cada 100 praticantes federados), quer ao nível dos seus dirigentes federativos (48%).

4. Perfil Social das Mulheres Dirigentes Desportivos

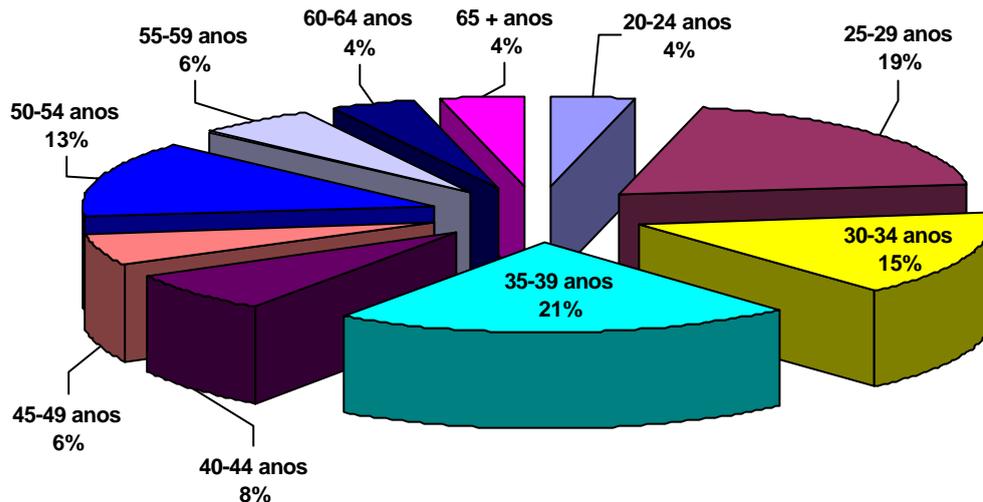
Neste ponto, procuramos reter as distribuições estatísticas das principais variáveis de caracterização, que nos possibilitam encontrar perfis sociais.

² Segundo as *Estatísticas do Desporto Federado*, Lisboa, 1999, dados estatísticos gentilmente fornecidos pela Direcção de Serviços do Associativismo Desportivo do IND.

4.1 Elementos de caracterização geral: idade, estatuto conjugal, estatuto ocupacional

Em termos dos escalões etários considerados, a amostra de mulheres dirigentes constituída, caracteriza-se por uma forte representação das classes etárias entre os 25 e os 39 anos (55%), correspondente a um período muito activo na vida das mulheres, quer em termos de inserção no mercado de trabalho (todas trabalham), quer de apoio à família (a maior parte são casadas e cerca de metade têm filhos pequenos).

Distribuição das inquiridas por escalões etários (%)

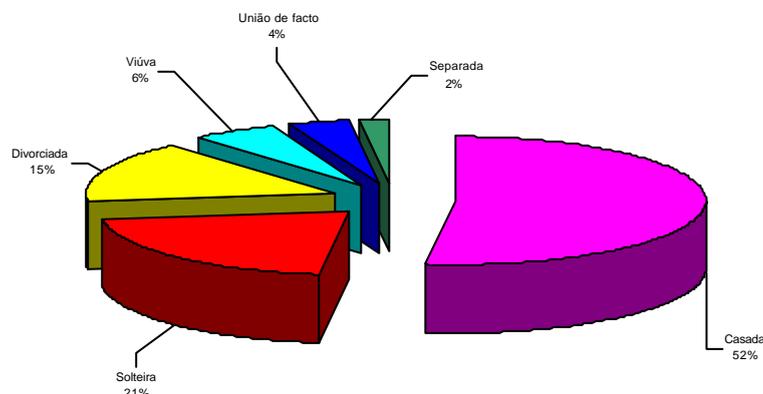


[GRÁFICO N.º 3]

Fonte: CEFD, Questionário sobre a participação de mulheres nos órgãos estatutários das federações desportivas, Lisboa, 1999.

Este facto acompanha a tendência verificada, nas últimas três décadas em Portugal, no que respeita a actividade profissional das mulheres, colocando o nosso país numa posição de destaque no contexto europeu (as mulheres mães portuguesas entre os 20-39 anos são as segundas mais activas da Europa, logo a seguir às dinamarquesas).

Situação conjugal das inquiridas (%)



[GRÁFICO N.º 4]

Fonte: CEFD, Questionário sobre a participação de mulheres nos órgãos estatutários das federações desportivas, Lisboa, 1999.

Constata-se também uma tendência de decréscimo de participação destas mulheres no dirigismo desportivo à medida que a idade avança, existindo uma fraca representação nos escalões etários mais elevados, facto que apenas é contrariado na classe etária dos 50 aos 54 anos.

Contudo, constata-se a presença de algumas dirigentes com idades muito jovens (20-24 anos).

Relativamente ao estatuto conjugal, as casadas constituem a maioria (52%) das inquiridas, seguidas das solteiras (21%), dados que parecem revelar os efeitos da composição etária desta amostra de dirigentes.

A análise da constituição dos agregados familiares destas mulheres dirigentes revela que cerca de 30% vivem com marido e filho(s), 23% vivem só com o marido/companheiro e 23% vivem só com os filhos. Das casadas, 52% vivem com marido e filho(s) e 41% vive só com o marido/companheiro, enquanto que 55% das solteiras vivem com os seus pais e irmão(s) e 36% vivem sozinhas.

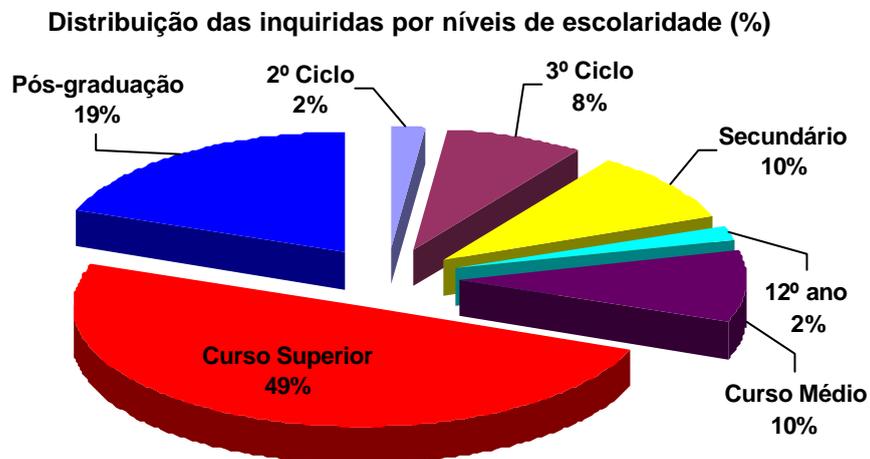
Quanto a descendência, 44% desta amostra de mulheres dirigentes desportivos não tem filhos, entre as quais constam, como seria de esperar, a totalidade das solteiras.

A média de filhos destas mulheres (1,5) é um dado que acompanha o valor da sociedade portuguesa (1,6 em 1990) e os padrões europeus.

Das 56% que têm filhos, a maior parte (cerca de 60%) tem um só filho, sendo que em 40% dos casos os filhos são de maioridade (18-25 anos), 24% tem idades entre os 6-12 anos, e 17% são muito pequenos (até 6 anos).

A distribuição destas mulheres dirigentes por níveis de escolaridade, revela que estas apresentam capitais escolares bastante elevados, uma vez que cerca de 70% frequentou um curso superior ou tem uma formação superior pós-graduada.

Este dado vai de encontro à tendência verificada em outros estudos, isto é, o peso crescente das mulheres entre os detentores de maiores qualificações escolares.



[GRÁFICO N.º 5]

Fonte: CEFD, Questionário sobre a participação de mulheres nos órgãos estatutários das federações desportivas, Lisboa, 1999.

Se tivéssemos dados para poder comparar certamente a percentagem de mulheres dirigentes desportivos com um diploma universitário seria superior à homóloga masculina.

Relativamente aos cursos frequentados, Direito aparece em lugar de destaque (39%) seguido de Educação Física (22%).

Cruzando o nível de ensino frequentado com a idade, constata-se que é nos escalões etários mais elevados que se encontram os níveis de escolaridade mais baixos, pelo que sendo esta uma amostra de mulheres dirigentes bastante jovem, os elevados índices de escolarização parecem reflectir os efeitos da composição etária.

Os elevados níveis médios de escolaridade desta amostra produzem também impactos directos, quer em termos da taxa de actividade, quer da composição socioprofissional.

Assim, a condição perante o trabalho desta amostra de mulheres dirigentes revela que a maior parte delas (86%) têm emprego, apenas cerca de 10% estão reformadas e 2% são estudantes ou domésticas. Indicador que revela uma vez mais uma elevada taxa de actividade.

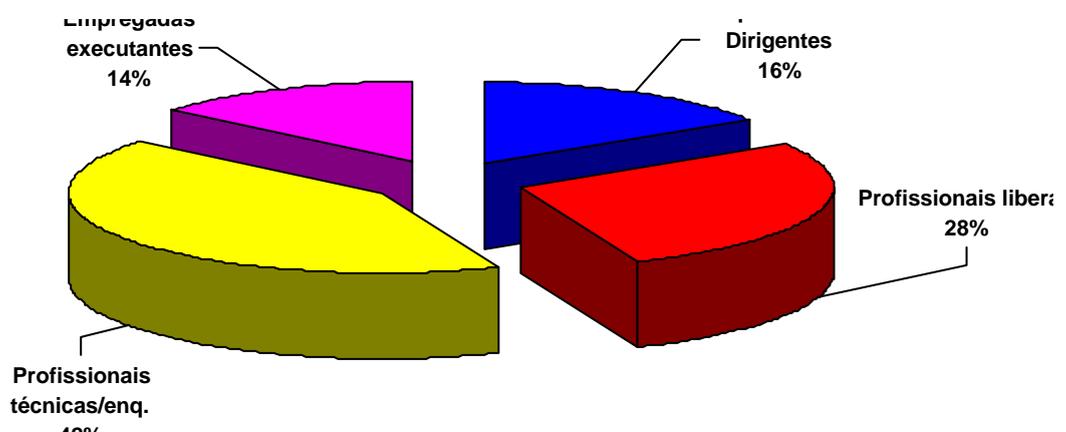
Por outro lado, são as categorias profissionais mais qualificadas dentro da estrutura socioprofissional que estão mais bem representadas nesta amostra. 42% destas mulheres são profissionais técnicos e de enquadramento (professoras, médicas, quadros superiores), 28% são profissionais liberais (advogadas), 16% são empresárias e quadros dirigentes e apenas 14% são empregadas executantes (técnicas administrativas).

Nível de ensino segundo a idade (%)

	2º Ciclo	3º Ciclo	Secundário	12º Ano	Curso médio	Curso superior	Pós-graduação
20-24 anos						8%	
25-29 anos						34%	10%
30-34 anos					20%	19%	20%
35-39 anos					20%	19%	50%
40-44 anos			20%			8%	10%
45-49 anos					20%	8%	
50-54 anos		50%	20%	100%	40%		10%
55-59 anos			40%			4%	
60-64 anos	100%	25%					
65 + anos		25%	20%				

[QUADRO N.º 2]

Fonte: CEFD, Questionário sobre a participação de mulheres nos órgãos estatutários das federações desportivas, Lisboa, 1999.



Distribuição das inquiridas por categorias socioprofissionais (%)

[GRÁFICO N.º 6]

Fonte: CEFD, Questionário sobre a participação de mulheres nos órgãos estatutários das federações desportivas, Lisboa, 1999.

5. Principais conclusões

Deste levantamento sociográfico dos elementos femininos que integram os órgãos estatutários das federações desportivas portuguesas, retiram-se as seguintes conclusões principais:

- a amostra constituída revela uma fraca representatividade das mulheres no dirigismo desportivo, em particular, em modalidades com nula ou diminuta presença de praticantes federadas, modalidades essas também tradicionalmente consideradas “menos” compatíveis com a condição feminina;
- Por outro lado, constata-se uma diminuição da percentagem de mulheres em cargos de dirigentes à medida que se sobe na hierarquia dos órgãos e cargos, não existindo nenhuma mulher a assumir a presidência do órgão máximo das Federações – a Direcção;
- Em termos de perfil social destas mulheres dirigentes, este estudo (embora não representativo) indica que estamos na presença de uma mulher *jovem, casada, mãe, activa, altamente escolarizada e inserida nas categorias profissionais mais qualificadas da estrutura socioprofissional.*

Bibliografia

- BIRRELL, S., COLE, C. (eds.), *Women, Sport and Culture*, USA, Human Kinetics, 1994
- BLAKE, A., *The body language*, GB, Lawrence & Wishart Ltd., 1996
- CASHMORE, E., *Making Sense of Sport*, London, 1996
- COSTA, D., GUTHRIE, S. (eds.), *Women and sport. Interdisciplinary Perspectives*, USA, Human Kinetics, 1994
- DUNNING, E., *A busca da excitação*, Lisboa, Difel, 1992
- DUNNING, E., MAGUIRE, J., PEARTON, R (eds.), *The Sport Process. A Comparative and Developmental Approach*, USA, Human Kinetics, 1993
- DUNNING, E., ROJEK, C. (eds.), *Sport and Leisure in the Civilizing Process. Critique and Counter-critique*, GB, MacMillan, 1992
- GARCIA FERRANDO, M., *Aspectos Sociales del Deporte. Una Reflexión Sociológica*, Madrid, Alianza Deporte, 1990
- HARGREAVES, J., *Sporting Females. Critical Issues in the History and Sociology of Women's Sports*, London, Routledge, 1994
- INGHAM, A., LOY, J. (eds.), *Sport in Social Development. Traditions, Transitions and Transformations*, USA, Human Kinetics, 1993
- LAPCHICK, R. (ed.), *Sport in Society*, USA, Sage, 1996
- MARIVOET, S., *Aspectos Sociológicos do Desporto*, Lisboa, Horizonte, 1998
- PERRIN, E. (ed.), *Sociologie du Sport*, Genève, GISS, 1996